

RECADO DE PARIS

Paris, setembro — "La Nef" publica um número especial dedicado à imprensa francesa.

O artigo de apresentação lembra que "um povo tem a imprensa que merece e a imprensa faz o povo que ela merece" e também a frase de um diretor de jornal de grande circulação a quem chamavam de "vendido": "nunca me vendi a não ser aos meus leitores". Diz que é a essa demagogia que se deve a extrema diminuição do poder da imprensa: duas linhas do "Constitutionnel" em 1840 faziam cair um governo, seis colunas de um jornal de hoje inspiram apenas um dar de ombros.

Vem a seguir um artigo de Fernand Daniel, que estuda a revolução feita na imprensa francesa por ocasião da Libertação. A imprensa é um reflexo de um dado regime político e social; não poderia subsistir uma revolução limitada à imprensa. O que se tentou após a Libertação foi libertar a imprensa, de modo permanente, de toda sujeição ao poder e também ao Capital, fazer dela uma espécie de ilha erigida de defesas contra a corrupção, cujos habitantes teriam idéias diferentes e mesmo opostas, mas poderiam, com uma consciência desligada de todos os laços de interesses materiais, traçar livremente os caminhos por onde rumaria a política francesa.

É certo que a imprensa francesa hoje não sofre qualquer censura; mas não é menos certo que uma parte dela cá, apesar de tudo, na dependência de grupos capitalistas cujos interesses nem sempre coincidem com os da Nação — ao passo que outra parte é sensível à influência estrangeira, desta ou daquela banda do mundo.

Não só os interesses como as paixões perturbam a missão da imprensa. Agora mesmo, na guerra da Coreia, uma parte da imprensa mente por omissão fingindo desconhecer ou apenas de passagem admitindo o fato de que o regime garantido pelos norte-americanos no Sul era injusto, tirânico e sanguinário; do outro lado, a imprensa comunista finge acreditar que foram os exércitos da Coreia do Sul que invadiram a do Norte — como sublinha Roger Stéphane.

É justo dizer — esta a minha impressão de leitor estrangeiro que o melhor esforço de objetividade na imprensa francesa, entre os jornais diários, pertence a "Le Monde". Dentro de sua orientação conservadora, embora muitas vezes seus comentários exagerem de importância de certos aspectos da realidade ou omita outros, seu noticiário é feito com a visível preocupação de pôr o leitor, da maneira mais correta possível, ao par de todos os fatos agradáveis ou desagradáveis a este ou aquele ponto de vista. Não será por outro motivo que muita gente que, pela manhã compra o jornal do partido ou da tendência política com que simpatiza — da esquerda ou da direita — compra à tarde "Le Monde" para "conferir"...

10.9.50 R. B.

293